

A rima dos 1º e 3º versos da 2ª quadra bem como a rima toante dos 1º e 3º versos da 1ª podem ser mero acaso porquê isso não é do geito popular.

Eis a variante paraibana do "Mulher Rendeira":

*Solo*



A mui - é de Lam - pe - ão Teve um me - ni - no la - zão, U - ma banda é de Be -  
*Côro*  
 ni - cio, Ou - tra banda é Lam - pe - ão. É mui - é ren - dei - ra! É mui - é ren - dá!

*Solo.* A muié de Lampeão  
 Teve um menino lazão,  
 Uma banda é de Benício,  
 Outra banda é Lampeão.

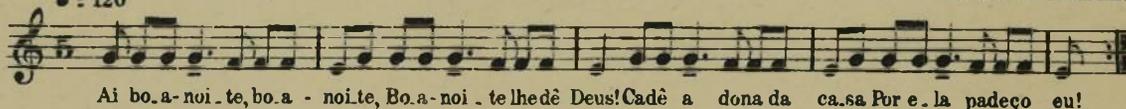
*Côro.* É muié rendeira!  
 É muié rendá!

## Coco

♩ = 120

## Boa Noite

R. G. DO NORTE.



Ai bo - a - noi - te, bo - a - noi - te, Bo - a - noi - te lhe dê Deus! Cadê a dona da ca - sa Por e - la padeço eu!

Boa-noite, boa-noite,  
 Boa-noite lhe dê Deus!  
 Cadê a dona da casa?  
 Por ela padeço eu!

Este é um dos chamados "cocos de zambê", coco dançado. Zambê é dança, aproximadamente o batuque ou o jongo. Ou a mesma coisa que êles. O compasso quinário também dá certo pra danças binárias ou quaternárias no compasso desde que tenha quadratura estrofica talequal aqui.

## Coco

## Olê Lioné

Lento quasi recitativo, ardente e molengo.

R. G. DO NORTE.

*Solo.*



Da Ba - í - a me mandaram Uma ca - mi - sa bordada, Na a - bertura da ca - mi - sa Tinha o nome da sa -  
*Côro.*  
 fada, Li - o - né! O - lê Li - o - né! Cadê Li - a - nô? Qu'eu ta - va na va - ran - da Quando a more - na passô Li - o - né!...

*Solo.* Da Baía me mandaram  
 Uma camisa bordada,  
 Na abertura da camisa  
 Tinha o nome da safada,  
 Lioné!...

*Côro.* Olê Lioné! Cadê Lionô?  
*Solo.* Que eu tava na varanda  
 Quando a morena passô,  
 Lioné!

*Solo.* Balancei um pé de lima  
Que nunca foi balançado  
Namorei uma menina  
Que nunca foi namorado,  
Lioné!

(Refrão)

*Solo.* Ôh que coqueiro tão alto  
Na cacimba de bêbê;  
Todo o mundo tem inveja  
Dêste nosso bemquerê,  
Lioné!

(Refrão)

*Solo.* Ôh que coqueiro tão alto  
Que de alto vai ao céu;  
Eu conheço o meu benzinho  
Pela copa do chapéu,  
Lioné!

(Refrão)

Este coco maravilhoso deve ser cantado molengo porêem sem malinconia. Uma grande calma ardente. É tão livre que hesitei em lhe botar indicação de compasso e pus em pontuado as barras de divisão do dois-por-quatro que parece ter servido de metro na criação. Porêem cantado, êle é livre de qualquer compasso possível, um recitativo legitimo. O 1º verso da 1ª estrofe é tradicional e serve de abertura pra muita quadra brasileira. O mesmo se dá com o 1º verso das ultimas estrofes. Em S. José do Rio Pardo (S. Paulo) corre a quadra:

“Que coqueiro tão alto...  
Deu cacho na raiz!  
Que moço mais bonito  
Com dois palmos de nariz!”

O refrão do coco corre no nordeste. Possui a variante seguinte que é paraibana:

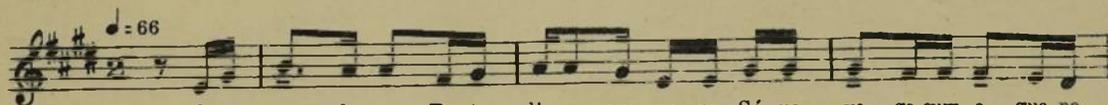


Ai Li - o - né, Ai Li - o - nô Eu es - ta - va na va - ran - da Quando a mo - re na passô!

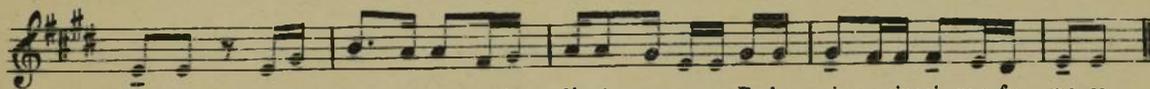
Coco

## Vapor de seu Tertulino

R. G. DO NORTE.



O va - por de seu Ter - tu - li - no, seu ma - no, Só na - ve - ga cum a - gua na



cai - xa, E - le tem um re - gu - la - dô ai, seu mano, E bo - ei - ro e cinzei - ro e fu - ma - ça.

O vapor de seu Tertulino,  
- Seu mano,  
Só navega cum agua na caixa,  
Ele tem um reguladô,  
- Ai, seu mano,  
E boeiro e cinzeiro e fumaça.